



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
IG/ IB/ IQ/ FACE-ECO/ CDS
CURSO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS

**REDESCOBRINDO O CORPO E O MUNDO NATURAL: UMA CONTRIBUIÇÃO
DA EXPERIÊNCIA CORPORAL PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

PÂMELA TEIXEIRA CANFRAN

BRASÍLIA – DF

DEZEMBRO / 2016

PÂMELA TEIXEIRA CANFRAN

**REDESCOBRINDO O CORPO E O MUNDO NATURAL: UMA CONTRIBUIÇÃO
DA EXPERIÊNCIA CORPORAL PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Ambientais da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Ciências Ambientais, sob orientação da professora Dra. Maria do Socorro Rodrigues Ibañez e co-orientação do professor Dr. Marcelo de Brito.

BRASÍLIA – DF

DEZEMBRO / 2016

CANFRAN, PÂMELA TEIXEIRA.

Redescobrimo o Corpo e o Mundo Natural: Uma contribuição da experiência corporal para a educação ambiental

Orientação: Dra. Maria do Socorro Rodrigues Ibañez.

Co-Orientação: Marcelo de Brito

34 páginas.

Projeto final em Ciências Ambientais – Consórcio IG/ IB/ IQ/ FACE-ECO/ CDS
– Universidade de Brasília.

Brasília – DF, 2016.

1. Educação Ambiental - 2. Corporeidade - 3. Interação homem-natureza

**REDESCOBRINDO O CORPO E O MUNDO NATURAL: UMA CONTRIBUIÇÃO
DA EXPERIÊNCIA CORPORAL PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Pâmela Teixeira Canfran

Profa. Orientadora: Dra. Maria do Socorro Rodrigues Ibañez.

Professor Co-Orientador: Dr. Marcelo de Brito.

Brasília-DF, 16 de dezembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria do Socorro Rodrigues Ibañez (orientadora)

Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Thomas Ludewigs

Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, Maria do Socorro Rodrigues Ibañez e Marcelo Brito, que com prontidão aceitaram me orientar e com paciência compartilharam tantos conhecimentos enriquecedores.

Ao meu companheiro de vida, Gabriel Melo, por toda amizade e paciência durante esse processo.

Agradeço aos meus pais, Gabriela Amaral e João Canfran, pela oportunidade de auxiliar na minha educação durante tantos anos.

Aos queridos amigos que tive o prazer de conhecer e que de alguma forma contribuíram em minha jornada.

À Universidade de Brasília pelos aprendizados e experiências adquiridas.

RESUMO

Este trabalho busca investigar, baseado numa revisão teórica, como as experiências pessoais de alguns educadores a respeito da corporeidade influenciam em suas práticas de educação ambiental que emergem a partir de uma concepção holística da vida. Tendo em vista a abrangência de uma abordagem majoritariamente mental dentro dos processos educacionais, foram selecionados educadores ambientais atuantes no Distrito Federal que utilizam uma proposta na qual os aspectos relacionados ao corpo/corporeidade são incluídos nas práticas de educação ambiental. Foram evidenciados, por meio de entrevistas semi-estruturadas, os elementos que construíram a relação que educadores ambientais têm com a natureza e como isso impacta sua prática de sensibilização ambiental. As entrevistas foram realizadas com 5 educadores, 3 mulheres e 2 homens, com faixa etária entre 30 e 60 anos, atuantes na educação formal e informal do DF. Analisaram-se as particularidades que fizeram parte da história de vida de cada educador no que tange à construção de uma relação com o ambiente para poder compreender como os valores de cuidado e respeito com a natureza podem ser gerados. Evidenciou-se a corporeidade dentro das práticas ambientais dos educadores principalmente do ponto de vista da estimulação e valorização dos aspectos sensoriais e emocionais dos educandos. A espiritualidade também foi abordada como um elemento importante na construção de um sentimento de integração entre o homem e natureza com finalidade de promover a consciência ambiental. Foi notável como a relação de contato com a natureza tem o potencial de promover a conexão entre as pessoas e o ambiente, gerando atitudes de cuidado, respeito e responsabilidade. Incluir, juntamente com a instrução racional, o aprendizado a partir da corporeidade gera uma compreensão que se sustenta mais a longo prazo nos indivíduos, pois o corpo tem a capacidade de guardar a memória das experiências e de criar um espaço para o que está sendo aprendido nas vivências encontrem e ganhem significado pessoal. A partir do contato com a natureza, vivenciado pelo indivíduo em todas as dimensões do seu ser, incluindo a mente, o corpo e as emoções, uma ligação de pertencimento entre o homem e a natureza é criada, diminuindo a lacuna existente nessa relação e gerando mobilizações no sentido de cuidar do ambiente.

ABSTRACT

This work aims to investigate, based on theoretical review, how personal experiences of some educators regarding corporeity, influences their environmental education praxis that emerges from the holistic conception of life. Considering a scope of mainly mental and cartesian approach inside the educational process, it has been selected environmental educators that work, in Distrito Federal, with a proposal in which the aspects related to the body and corporeality are included in the practices of environmental education. It was confirmed, through semi-structured interviews, by elements that have constructed the relation that environmental educators have with the nature and how this impacts the environmental awakensness. The interviews have been done with 5 educators, 3 women and 2 men, aged between 30 and 60 years old. It has been analysed the particularities that have been part of history of each educator's life in what regards his/her relation with the environment in order to understand how the values of care and respect with the nature can be generated. It has become clear the presence of corporeality within the educator's environmental practices, mainly from viewpoint of the stimulation and appreciation of the learner's sensorial and emotional aspects. The spirituality has been also raised as an important element to build a sense of integration between man and nature in order to promote environmental awakensness. It was remarkable how the contact with nature has the potential to promote the connection among people and the environment, generating attitude of care, respect and responsibility. Including, together with a rational instruction, the learning from the corporeality generates a understanding that generates an understanding that is sustained more in the long term in the individual, because the body has the capacity to save the experiences and to create a space for what is being learned in the experiences find personal meaning.

SUMÁRIO

1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	8
2. OBJETIVO GERAL	14
2.1. Objetivos específicos	14
3. METODOLOGIA	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
4.1. Trajetória de vida dos educadores ambientais e o contato com a natureza	16
4.2. O corpo e a sensibilização ambiental	21
4.3. Espiritualidade, cuidado de si e cuidado com a natureza	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
7. ANEXOS	39

1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Vivemos em um tempo de crise, na qual o ser humano parece estar desconectado do ambiente que vive, das pessoas que convive e de si mesmo. Isso é perceptível ao ver as crises ambientais cada vez mais severas e como a maioria das pessoas parece se enxergar desvinculada delas como se não fizesse parte da natureza. Nota-se ainda que estamos inseridos em uma cultura individualista, na qual o sentido de comunidade e o vínculo com as outras pessoas tornou-se raro.

Será que essa falta de união com a natureza e com as outras pessoas é reflexo da falta de conexão do homem consigo mesmo? Seguimos em um estado automático, sem perceber o próprio corpo e como esse corpo se relaciona com o mundo. Vemos, por exemplo, como o sedentarismo, a obesidade, a ansiedade, a depressão, as doenças crônicas aumentam significativamente a cada dia. E a magnitude da indústria farmacêutica e sua influência sobre a prática médica? É um dos sintomas do estado de doença em que a sociedade se encontra. Seriam consequências de um modo de vida apartado da natureza? Como é possível termos construído um contexto que coloque em risco a própria sobrevivência?

Ao que parece nos acostumamos com esse cenário e consideramos que ele é parte natural da vida. Vivemos na normose! Normose é definida pelo educador e psicólogo francês Pierre Weil (2000, p. 62) como: “o resultado de um conjunto de crenças, opiniões, atitudes e comportamentos considerados normais, logo em torno dos quais existe um consenso de normalidade, mas que apresentam consequências patológicas e/ou letais”. Comportamentos nocivos à saúde das pessoas e do planeta são praticados cotidianamente com naturalidade e sem que haja qualquer reflexão mais profunda sobre os mesmos, sendo assim considerados normóticos (WEIL, 2000). Ainda nas palavras de Pierre Weil:

“As origens de sofrimento e doenças, em nível individual ou social, como as guerras e a violência, assim como em nível ambiental, como a destruição dos ecossistemas, estão a contestar, seriamente, o conceito de normalidade suportado pelo consenso social. Surge uma denúncia lúcida de que certas normas sociais, atuais ou passadas, levam ou levaram ao sofrimento físico e moral indivíduos, grupos e comunidade global.” (2012 p. 17)

Será que ampliando a percepção de si mesmo, podemos entender melhor a natureza (e também a nossa natureza) e com isso construir caminhos para superação dos problemas ambientais, sociais e individuais?

O *insight* é: Entender a corporeidade e sua interação com a natureza pode contribuir de maneira relevante para tratar esse impasse? Para começar essa reflexão é importante definir o conceito de corporeidade, Ymiracy Polak baseada nos estudos fenomenológicos entende a corporeidade como:

“mais que a materialidade do corpo, que o somatório de suas partes; é o contido em todas as dimensões humanas; não é algo objetivo, pronto e acabado, mas processo contínuo de redefinições; é o resgate do corpo, é o deixar fluir, falar, viver, escutar, permitir ao corpo ser o ator principal, é vê-lo em sua dimensão realmente humana. Corporeidade é o existir, é a minha, a sua, é a nossa história.” (1997, p. 37)

A maneira que o ser humano constrói, percebe e relaciona-se com sua corporeidade é influenciada pelos condicionamentos culturais, sociais e biológicos vigentes, sendo resultado de um processo histórico específico. Considerando a pluralidade de organizações sociais existentes, é esperado que cada um desses contextos possibilite padrões distintos para o comportamento corporal. Em sociedades nas quais os mecanismos de sobrevivência estão intimamente estruturados numa relação de dependência direta com a natureza, os indivíduos têm uma percepção sensorial aguçada para realizar atividades como a caça, pesca e agricultura, evidenciando seu corpo como parte da natureza (GONÇALVES, 1994). Neste contexto, a ideia de natureza que está em debate é entendida de uma forma ampla como uma teia interconexa de relações (CAPRA, 1996).

Da mesma forma que a percepção do ser humano sobre sua corporeidade é influenciada pelos condicionamentos culturais, a visão que o homem tem sobre a natureza e o modo como se relaciona com ela também sobre essa influência. Na verdade, o modo como o ser humano se posiciona em relação à natureza, reflete a forma como se posiciona em relação a si mesmo, pois essa é sua natureza primeira e mais próxima. Nesse sentido, estendendo a influência cultural para o âmbito da educação, Paulo Freire (2001), contribuiu com a ideia de *Leitura de Mundo*, na qual enfatiza a necessidade de observação atenta do contexto histórico-cultural para que haja um processo educativo autêntico. Portanto, trazer à consciência e construir uma relação de organicidade com a realidade de tempo e espaço na qual o ser humano está inserido é uma chave fundamental para integrar a educação à compreensão da relação do homem consigo mesmo e com a natureza.

O contexto histórico e cultural que tem ditado a forma predominante que o homem ocidental percebe seu corpo e a natureza é influenciado fortemente pelo modelo capitalista. Segundo Gonçalves (1994), à medida que o sistema de exploração industrial capitalista se consolidava, a relação do homem com sua corporeidade foi sendo transformada, estendendo a

lógica de exploração da natureza para opressão do seu corpo, o qual passou a ser concebido como objeto de manipulação para expansão do capital. O homem perdeu o sentido de envolvimento total com o trabalho ao não mais expressar sua criatividade e personalidade no fazer cotidiano, transformando sua força de trabalho em mera mercadoria. O homem humaniza seu corpo por meio da atividade produtiva autêntica e com isso humaniza também a natureza, entretanto, o sistema industrial capitalista não oferece as condições necessárias para essa expressão vital, objetificando, assim, tanto o corpo humano quanto a natureza, com o propósito de servir às demandas desse poderoso sistema.

O questionamento sobre esse processo de objetificação do corpo humano acentuou-se a partir das contribuições da fenomenologia ao qualificar o corpo como sujeito, conferindo a ele um valor vital como é possível perceber nas palavras de Merleau-Ponty:

“Meu corpo não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira como as acolhe.” (2006, p.317)

A objetificação do homem contribuiu para que o sentido de ‘ser’ desse lugar ao sentido de ‘ter’, demonstrando que a busca pelo dinheiro/materialidade passou a ser na necessidade primordial do homem moderno (GONÇALVES, 1994). As palavras de Marx (1983) citadas por Gonçalves (1994) evidenciam a valor do ter em detrimento do ser no sistema capitalista:

“A desvalorização do mundo humano aumenta à razão direta do aumento de valor do mundo das coisas’. Ao supervalorizar o mundo das coisas e alienar-se das raízes humanas, o homem perde também sua relação como ser social, prejudicando seu laço com os outros homens, tornando-se individualista e egoísta” (1983, p.90)

A lógica individualista dos tempos atuais, por comprometer o envolvimento do ser humano com o mundo e com as outras pessoas, atua em oposição à concepção do padrão de organização da vida que ocorre em redes interdependentes (CAPRA, 1996). O modo de produção capitalista gerou uma ruptura das relações do homem com seu corpo e com a natureza, consolidando a crença de que o mundo é um objeto a ser explorado e que vivemos separados dele (MATURANA & VARELA, 2001). O resultado histórico desse modelo de produção criou um contexto de desconexão do homem com o seu corpo, que teve sua capacidade de percepção sensorial reduzida, gerando um corpo mecanizado, com uma tendência a não expressar livremente seus sentimentos e emoções e a não perceber como satisfazer suas necessidades (GONÇALVES, 1994).

Dessa forma, entramos em um jogo perigoso no qual a falta de discernimento sobre quais são as necessidades humanas reais, fato que nos induz a um padrão de consumo exagerado, nos enquadra em uma sociedade de consumidores (ARENDR, 1995). A sociedade de consumo caracteriza-se por uma constante insatisfação e insaciabilidade estruturada na aquisição do supérfluo por meio de um ciclo contínuo de consumo que tem como objetivo final o próprio ato de consumir pautado em desejos artificialmente criados pelo modelo consumista (RETONDAR, 2008).

As expectativas frustradas por esse ciclo eterno de consumo desenfreado têm estimulado diversos males tão característicos da era moderna, como ansiedade, depressão, irritabilidade, insatisfação, além de promover sérias consequências sobre o bem-estar ambiental. Sobre isso o místico Osho comenta:

“A mente está constantemente pedindo, desejando, demandando e criando frustração, pois ela vive em expectativas. O mundo inteiro está sofrendo da sensação de ausência de sentido, e a razão é que o ser humano está pedindo mais do que jamais pediu antes. Pela primeira vez o ser humano está desejando mais do que jamais desejou. E o resultado é que o mundo inteiro está vivendo em profunda infelicidade. Isso é muito estranho, porque pela primeira vez o ser humano tem mais posses, mais segurança, mais tecnologia e mais conforto do que nunca. Porém há mais ausência de sentido.” (2004, p. 132)

A ausência de sentido na maneira que o ser humano vive atualmente é um dos fatores que o move no sentido de degradar o ambiente que vive? Nos últimos anos a crise ambiental vem tomando proporções cada vez maiores, com consequências mais severas, aumentando a necessidade de ações urgentes para reverter esse quadro. Para isso, é preciso perceber que a crise ambiental faz parte de um contexto maior. Fica nítido um cenário de crise civilizatória ao observar crises econômicas, corrupção, pobreza extrema, consumismo exacerbado, aumento de doenças típicas da modernidade, crescimento urbano caótico. Nas palavras do físico austríaco Fritjof Capra (1998, p. 19):

“As últimas duas décadas de nosso século vêm registrado um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida – a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda história da humanidade. Pela primeira vez, temos que nos defrontar com a real ameaça da extinção da raça humana e de toda vida no planeta.” (1998, p. 19)

Além de chamar atenção para o fato de que a crise ambiental precisa ser compreendida como uma das facetas dessa crise multidimensional, também é preciso compreender a atual problemática como uma crise de percepção, pois advém do fato que a sociedade, em sua

maioria, tem uma percepção obsoleta da realidade baseada em um paradigma que já não mais contempla a atual condição da humanidade (CAPRA, 2006). A crise de percepção que vivemos está intrinsecamente relacionada com o paradigma cartesiano, que vem dominando a visão de mundo de nossa cultura por muito tempo. As ideias e valores que surgem desse modelo são, por exemplo, compreender o corpo humano como uma máquina, reduzir a totalidade das coisas em mero conjunto das partes que a compõe, exploração da natureza, progresso material ilimitado, interiorização da mulher. Esse modo de pensar cartesiano aponta para a crença de separação entre corpo-mente e homem-natureza (CAPRA, 1996). No intuito de encontrar recursos que não sejam apenas paliativos para lidar com essa crise de percepção, é preciso fazer uma transição dessa forma de pensar para um novo modelo que ofereça soluções mais estáveis e duradouras em relação ao que vem ocorrendo em muitos casos.

Nesse sentido, encontra-se uma outra corrente de pensamento baseada em uma compreensão da vida que vai em contraposição ao paradigma cartesiano. É uma visão mais abrangente, que aponta que o funcionamento da vida ocorre em rede, que tudo está interligado compondo um sistema interdependente. Essa nova visão alerta que tanto os problemas quanto as soluções da crise estão interligados e são interdependentes, seguindo a lógica do funcionamento da vida (CAPRA, 1996). Esse novo paradigma propõe a reconexão do homem com a natureza. Para isso, é preciso que o ser humano encontre a unidade do ser. A ideia de que a mente, o corpo e o espírito estão separados não condiz com a restauração da harmonia entre o ser humano e a natureza. No sentido de encontrar a unidade do ser, é vital a ampliação da percepção de si, juntamente com a ampliação da percepção de si no mundo. Dessa forma, existe um caminho para reconexão do ser humano com a natureza, promovendo mudanças que auxiliem na reversão da crise de percepção.

Será que essa crise se estende à relação corporal do homem e como ele se percebe no mundo? Os estudos de percepção de Merleau-Ponty citado por Lopes (2013) apontam para esse caminho por entender que a propriocepção (percepção do corpo próprio), compreende a noção de existência do sujeito no mundo. A unidade homem-natureza é um paradigma vigente em determinadas sociedades orientais nas quais a experiência corporal é um mecanismo essencial a ser desenvolvido para alcançar a consciência de que não existe separação entre o homem e o cosmos (CAPRA et al, 1998). O Místico Osho (2004, p. 71) evidencia a importância do corpo a partir das sensações em contraponto à supervalorização da mente ao dizer que “sempre que você tiver total em algo, você funciona a partir do sentir, e sempre que tiver parcial em algo funciona a partir da cabeça”. Afinal, queremos estar plenos

na nossa experiência com o mundo? Queremos estar em conexão com a natureza? Precisamos viver a unidade corpo-mente para alcançar a unidade homem-natureza.

Refletindo a linha do pensamento cartesiano, a educação costuma valorizar em grande escala os processos de aprendizagem com foco extremo no aspecto racional. Transitar para uma educação integral, no sentido de alcançar uma visão de mundo que seja mais global, que inclua todas as dimensões do ser, induz-nos a pensar em uma educação que também aprofunde a perceptiva do corpo dentro dos processos de aprendizagem, pois é no registro corpóreo onde as experiências vividas encontram um espaço de ancoragem para a compreensão integral da realidade (CATALÃO, 2005). Tratando especificamente da educação ambiental, é preciso que haja uma valorização da experiência corporal para aguçar a sensibilidade ambiental.

As práticas escolares hegemônicas, que controlam e disciplinam o corpo, são um reflexo do mesmo processo civilizatório que o modelo de produção industrial passou, de modo que, perpetua a valorização extrema das operações cognitivas e distancia-se da experiência sensorial, resultando numa tendência a anular sentimentos, ideias e lembranças associadas ao corpo, que novamente torna-se alvo de controle e manipulação (GONÇALVES, 1994).

O controle e a manipulação corporal podem ser percebidos na exigência do aluno de não movimentar-se ou movimentar-se com restrições durante as aulas, na distribuição espacial dos alunos na sala de aula, na organização da grade horária escolar, na postura corporal dos alunos e professores, que revela a repressão de sua espontaneidade e seu corpo mecanizado (GONÇALVES, 1994). E mais uma vez percebe-se que a pouca participação do corpo na aprendizagem escolar leva o aluno a uma sensação de indiferença em relação à natureza devido o conhecimento do mundo ser transmitido de forma fragmentada sem explorar as experiências sensoriais (GONÇALVES, 1994).

Tendo em vista o contexto elucidado acima, este trabalho visa contribuir como instrumental teórico para a educação ambiental que surge a partir da concepção integral da vida. Para tal, se faz imprescindível contemplar reflexões sobre a percepção que o ser humano tem de si do ponto de vista da corporeidade, bem como compreender a relação homem-natureza na sociedade ocidental, sendo que a motivação, em última instância, é a minimização da atual crise ambiental que vivemos.

2- OBJETIVO GERAL

Analisar, a partir de referenciais teóricos e experiências de educadores, o papel do corpo como elemento sinergizador de uma nova maneira de aprender. Faz-se necessário compreender quais são as bases de uma educação que busque integrar o homem à natureza para ampliar as possibilidades da prática em educação ambiental. Um constante processo de revisão dos alicerces da área contribui para que a educação possa estar sempre se renovando de maneira alinhada com as atuais demandas da questão ambiental, que por sua vez permeia outras esferas da sociedade que igualmente demandam da educação ambiental um constante aprimoramento.

2.1- Objetivos Específicos

- Trazer a história de vida e o modo de pensar dos educadores ambientais no intuito de servir de inspiração para uma nova forma de educação ambiental dentro de contextos tradicionais.
- Compreender quais são os desdobramentos na consciência ambiental do indivíduo a partir da experiência corporal em educação ambiental.

2. METODOLOGIA

Para o presente estudo foram selecionados educadores que tem uma atuação diferenciada em relação ao atual modelo vigente e que realizam práticas educacionais alinhadas com uma nova maneira de sentir, pensar e agir que a problemática ambiental exige. Nesse sentido, foram selecionados educadores ambientais que incluem a corporeidade em suas práticas, visando captar qual é o impacto das experiências corporais no processo de aprendizagem e conscientização

Foram entrevistados 5 educadores, dois quais 3 mulheres e 2 homens, com faixa etária entre 30 e 60 anos. Todos os educadores possuem nível superior, ou ainda mestrado e doutorado e atuam tanto na educação formal, seja na universidade ou em escolas de ensino fundamental e médio, quanto na educação informal, por conduzirem grupos que estão imersos em uma proposta fora do contexto tradicional. A formação acadêmica inicial dos educadores é Educação Física (2 pessoas), Agronomia, Letras e Arquitetura. Entretanto, todos tem uma área de atuação para além do nicho de trabalho de sua formação inicial.

O educador 1 (formação-Educação Física) é professor da Universidade de Brasília, vinculado à Faculdade de Educação Física, oferecendo, entre outras atividades, a disciplina “Corporeidade, Expressão e Educação Física”. Além disso, ele é idealizador do projeto de extensão Movi-mente também na UnB, onde são trabalhadas diversas questões ligadas ao ser interior dos participantes a partir de uma abordagem corporal. Ele ainda conduz diversos grupos nos quais realiza atividades de sensibilização na natureza, desvinculado da universidade.

A educadora 2 (formação- Letras) foi professora da rede pública por muitos anos, aonde trabalhava com artes e educação ambiental. Trabalhou em projetos de recuperação de nascentes e áreas degradadas junto ao governo e também em organizações não governamentais ligadas à questão ambiental e social. É facilitadora e organizadora do curso Educação Gaia, reconhecido pela ONU como uma das contribuições à década da sustentabilidade (2005-2014).

A educadora 3 (formação- Agronomia) é integrante da ONG Mutirão Agroflorestal, que existe a 20 anos com uma proposta de contribuir com a construção de sociedades sustentáveis por meio de uma rede de integração de pessoas em torno de aprendizagem, em que os princípios fundamentais são o amor, a cooperação e a solidariedade. Além disso, é funcionária da Secretaria do Meio Ambiente do Distrito Federal e é condutora de grupos de dança circular alinhados com uma proposta de sensibilização ambiental e auto-conhecimento.

A educadora 4 (formação- Educação Física) é professora de yoga, pós-graduada em Jogos Cooperativos e Cultura de Paz e integrante da ONG 7 Saberes que busca promover a mobilização e a integração da sociedade, seus atores e a natureza por meio de atividades como os jogos cooperativos, as danças circulares e a educação ambiental.

O educador 5 (formação- Arquitetura) trabalha com arquitetura dentro da lógica da Bioconstrução e é idealizador e morador do Sítio Nós da Teia, ambiente comunitário de educação e Permacultura, onde os valores de uma vida comunitária e sustentável são norteadores. Nesse espaço, ele realiza diversas atividades de educação ambiental pautadas pelos princípios da Permacultura, principalmente a Bioconstrução, na qual o corpo é ferramenta fundamental do processo. Ele também já foi organizador do mesmo curso Educação Gaia que a educadora 2.

Inicialmente foi elaborado um roteiro com 12 perguntas abertas (Anexo I), que se encontram em anexo, juntamente com o termo de consentimento de cada educador (Anexo II). Entretanto, no desenrolar da conversa surgiu elementos particulares da trajetória de cada educadora, e por ventura outras perguntas foram feitas a cada um a partir dos elementos fornecidos por eles. As entrevistas foram gravadas na íntegra e a sistematização dos dados foi feita com base nas especificidades em comum e por ventura de diferente na fala de cada um e por sua vez foram agrupadas em temas congruentes com a revisão bibliográfica para posterior discussão.

As entrevistas foram fundamentais para elucidar e mapear tipos de práticas educacionais e as crenças e valores que as embasam, possibilitando uma imersão na percepção o no significado que cada sujeito confere à realidade, além de fornecer informações para compreender a lógica que permeia o fazer educacional do grupo de educadores escolhidos, permitindo o entendimento das relações existentes nesse universo específico (Duarte, 2004).

A escolha da metodologia de entrevista semi-estruturada ocorreu para que a partir da exploração das particularidades da trajetória de vida e do fazer ambiental dos educadores escolhidos, se possa melhor compreender a importância da corporeidade dentro da educação para a formação do sujeito ecológico e seu impacto no fazer sustentável desses indivíduos. A vantagem metodológica de explorar a visão de mundo dos educadores escolhidos e maneira que esta impacta o seu fazer ambiental é permitir um acompanhamento de um possível modelo a ser seguido, evidenciando suas particularidades para assim realizar um mergulho profundo que nos permite retirar propriedades gerais (Goldberg, 2004).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1- Trajetória de vida dos educadores ambientais e o contato com a natureza

Conhecer a história de vida dos educadores ambientais ajudou a perceber elementos importantes que definem a relação que eles têm com a natureza e como esta influencia suas práticas de educação ambiental. A compreensão dos educadores a respeito do mundo natural se iniciou por meio de uma experiência de contato com a natureza. Trazendo a inspiração do líder pelo movimento de independência da Índia e ativista da Não-Violência, Mahatma Gandhi (1869-1948), assim como para transformar o mundo que vivemos é preciso começar por nossas vidas, uma prática educacional que visa sensibilizar as pessoas em relação à natureza demanda por parte dos educadores uma autenticidade, de fato viver o que se ensina.

A seguir, seguem-se trechos das entrevistas dos educadores ambientais que evidenciam a relação com o mundo natural a partir de sua corporeidade, que é aqui entendida como a integração das dimensões física, emocional, mental, espiritual e socioambiental (BRITO, 2013). A dimensão da corporeidade que é mais evidenciada nas falas é a referente ao corpo físico, indicativamente devido a um contato real com ambientes de natureza, sejam esses rios, cachoeiras, matas, fazendas, parques urbanos ou mesmo o quintal de casa.

“Eu nasci no interior Rio Grande do Norte [...] meu pai sempre, desde 3 ou 4 anos de idade, me levava pra caçar, pra conquistar o alimento e nesse processo a gente andava muito nas serras. No cotidiano a gente tinha que desenvolver muitas atividades de manutenção da vida em contato com a natureza porque ela estava próxima. Quando eu vim pra Brasília, o Cerrado era colado na Asa Norte. A UnB era um grande Cerrado e eu vivia nesse Cerrado. Desde pequeno a gurizada vinha brincar no meio do mato e aí já começou uma descoberta de frutas do Cerrado, muitas subidas em árvore, lago, pescaria. Eu nasci de certa forma com um vínculo muito forte em relação à natureza. Eu via o Cerrado sendo destruído e sentia um peso nessa questão, porque eu via o ambiente que eu me desenvolvi mais, em termos de experiências de aventura e tudo mais, sendo destruído. Na adolescência eu conheci os acampamentos, ia pra beira de rio e cachoeira. Na universidade continuei fazendo isso. Minha vida é recheada de um interesse pelo ambiente natural. Sempre gostei muito de fazenda. Férias pra mim era fazenda. Sempre que os amigos comentavam que iam pra fazenda, eu já estava lá! Eu tenho um vínculo natural com essa história. Eu nasci no meio do mato e ainda me sinto muito no meio do mato.”(Educador 1)

A relação corporal do entrevistado com a natureza fica clara em suas brincadeiras de criança em meio ao Cerrado, nos atos de subir em árvores, comer frutas e nadar no lago. Também é perceptível que existe um forte vínculo com a natureza que se iniciou na infância,

pela necessidade de executar tarefas em meio ao mundo natural para garantir a sobrevivência. Vê-se aqui a importância de experiências vividas na infância a partir dos saberes e valores transmitidos pelo pai e colegas, que expressam o seu modo de vida em meio à natureza. É nesse momento inicial da vida que o corpo é socialmente formado a fim de incorporar valores e crenças (LAPOINTE & RUGIRA, 2012).

O cenário vivido por esse educador faz alusão a determinados segmentos da sociedade que têm uma forte relação com a natureza e que buscam o cuidado com o ambiente movido por interesses legítimos de satisfazer suas necessidades de sobrevivência. Muitas vezes os movimentos sociais promovidos por esses grupos acontecem direcionados para o intuito de garantir seu acesso justo aos recursos, mas junto com isso acabam levantando a bandeira de melhorias ambientais (LAYRARGUES, 2006).

Numa sociedade na qual a origem dos alimentos está mais relacionada com o supermercado do que com a terra que os produz não é de se espantar que a relação homem-natureza esteja prejudicada. O homem pode até vivenciar esta realidade de estar dissociados do meio ambiente, mas a verdade é que todos os seres dependem da natureza para satisfazer suas necessidades de sobrevivência. Entretanto as pessoas que vivem em meio a um ambiente mais natural podem evidenciar essa dependência de uma forma mais direta, sugerindo que esse contato mais próximo é importante para se desenvolver a consciência da preservação ambiental. Naturalmente, essa consciência demanda uma percepção da importância de equilíbrio ecológico, caso contrário o próprio “inquilino” é agente da degradação ambiental por não se dar conta da sua destruidora presença.

“Minha relação com a natureza começou na infância, eu sou filha de agricultores. Só que meus pais fugiram da roça pra ter uma vida melhor na cidade. [...] Minha avó também era agricultora, eles plantavam uvas. [...] Quando eu fiz 7 anos, minha mãe me deu uma coleção de livros do Sítio do Pica-pau Amarelo que eu lia obsessivamente e o meu maior desejo era morar no Sítio do Pica-pau Amarelo. Quando eu nasci meu pai tinha um quintal, tinha uma figueira, tinha uma pequena horta, tinha coelhos [...] aquilo era natural pra mim. Quando eu fiz 10 anos a gente se mudou pra um casa sem quintal e isso só aumentava a vontade que eu tinha de morar num sítio. Depois começou muito esse movimento hippie [...] eu tinha um prima que tinha uma comunidade rural. Eu tinha muita vontade de viver em comunidades [...] ai quando eu fiz 17 anos eu decidi fazer agronomia na Rural, que era um lugar lindo. Eu sempre me juntava com pessoas que iam muito pra parques e pra fazendas. Eu sempre fazia coisas ligadas à natureza. Hoje graças a Deus eu moro na natureza.” (Educadora 2)

Assim como o entrevistado 1, a relação com a natureza da educadora 2 começou na infância. As relações familiares influenciam o desenvolvimento da dimensão psicológica do indivíduo durante toda a vida (POLETTO & KOLLER, 2008). Contudo, neste processo é

também relevante a influência exercida por outras pessoas, que é apontada como um dos fatores que conduzem a comportamentos de cuidado com o ambiente (NEIMAN & RABINOVICH, 2008).

Percebe-se que a vontade de viver em locais cercados por natureza preencheu o imaginário infantil da educadora, continuando na adolescência e vindo a se concretizar, com o um sentimento de gratidão, na vida adulta. Nota-se que a proximidade com animais e plantas na infância se estendeu até a vida adulta pelo desejo de estar sempre em contato com a natureza. A exaltação da beleza cênica da natureza também é um ponto que envolve a corporeidade, uma vez que nos remete à importância de uma educação estética, neste caso ao aguçamento do aparato sensorial que conduza a ampliação da sensibilidade.

“Na minha trajetória de relação com a natureza foram vários elementos ao mesmo tempo que me sensibilizaram. Meus pais me levavam pros parques no carrinho de bebê, a primeira vez que eu sai na rua foi pra um parque. Esse contato com a natureza era muito natural pra mim, era o meu lugar. Nem era um deslumbre, era algo natural.[...] Meu pai sempre se preocupou com a questão ambiental, ele escrevia sobre os agrotóxicos. Ele era macrobiótico, então tinha uma sensibilidade que veio pelo alimentação. E isso veio pra mim [...] desde 1 ano de idade eu já comia comida natural. E o quintal na minha infância também foi algo que marcou muito [...] Eu não me lembro do meu quarto, mas me lembro do meu quintal. Era meu mundo mágico. Crescer perto das árvores, florescendo, acompanhando os ciclos, tudo tão explícito [...] as sementes, tudo verde. Eu também tive uma sensibilização social com a fome desde a infância. Eu me lembro de uma viagem de fusca que eu fiz da Amazônia até Brasília quando eu era criança e foi um contraste muito grande sair da floresta e ver todos aqueles campos de monocultura, foi algo que me chocou muito.” (Educadora 3)

Novamente a relação de contato entre o educador e a natureza é iniciada nos primeiros anos de vida por influência dos pais, que nesse caso, tinham explicitamente um perfil que se interessa pelas questões ambientais e busca atitudes de cuidado por meio de seu fazer profissional e de sua escolha alimentar por uma dieta que visa a harmonia com a natureza. De certo, além do modo de pensar e agir dos pais, o imaginário em relação à natureza proporcionado pela experiência de liberdade de brincar no quintal de casa instigou a percepção e a sensibilidade da educadora para se mover na vida o sentido de cuidado com o ambiente. A interação corporal que a criança tem no ato de brincar com a natureza, e essa sendo compreendida como uma estrutura de suporte que oferece acolhimento ao indivíduo, proporciona o surgimento da consciência individual e social da criança (MATURANA & VERDEN-ZOLLER, 2004).

O contraste percebido pelo sentido da visão ao constatar a mudança de vegetação entre a floresta e as plantações, foi algo que marcou a memória da educadora e contribuiu para a

sensibilização que ela tinha em relação à problemática da fome. Esse fato sugere a importância do aspecto sensorial da corporeidade para a sensibilização ambiental. Será que se alguém tivesse lhe contado como é uma floresta e como é uma plantação, ou seja, utilizando a ferramenta da mente para sensibilizá-la com essa questão, ela teria se chocado e guardado na memória da mesma forma?

Outro aspecto relevante dentro da sua trajetória de vida em relação à corporeidade e à natureza é a alimentação saudável, sem agrotóxicos, e que, portanto, depreende-se de uma visão idealística de mundo e que aciona por meio da alimentação uma preocupação com um cuidado corporal. Além disso, quando ela fala “*Esse contato com a natureza era muito natural pra mim, era o meu lugar*” podemos perceber que o seu contato real com a natureza ao ir aos parques com seus pais gerou um sentimento de pertencimento à natureza. Apropriar-se de um local, dando a ele um significado pessoal, facilita a adoção de comportamentos de respeito e cuidado, além do desenvolvimento de qualidades que estimulam a responsabilidade de sua gestão (FREIRE & VIEIRA, 2006).

“Minha relação com a natureza começou desde a infância, minha mãe sempre gostou de natureza, sempre nos levou para cachoeira. A gente morava em uma cidade pequena e até dois anos morei numa comunidade no meio do mato. [...] Depois vim pra Brasília e aqui é cercado de natureza, é fácil ter acesso. Então desde pequena esse contato aconteceu pelo incentivo da minha mãe. Eu sempre gostei. Nas férias eu sempre vou pra natureza. Na cidade eu sinto falta de tá mais em contato com a natureza. Quando eu tô muito tempo na cidade já sinto que preciso ir pro mato, preciso de silêncio. Preciso do cheiro, ouvir os pássaros. Eu sempre morei em chácara, em casa, que tem natureza, tem bosque. Quando criança a gente sempre ia desbravar o mato pra achar o rio, brincava com argila e isso se manteve até hoje.” (Educador 4)

Mais uma vez, percebe-se que a relação de proximidade com a natureza na por influência dos pais na infância foi um fator importante dentro da história de vida da educadora e que de alguma maneira gerou uma necessidade de sempre manter esse contato na sua vida adulta, tendo a natureza como refúgio e como uma possibilidade de encontrar o conforto do silêncio. Nota-se sua experiência corporal com a natureza quando ela fala “*Preciso do cheiro, ouvir os pássaros*”. Os sentidos, enquanto mecanismos que fazem a ponte entre o meio externo e interno (BOIS & AUSTRY, 2008), são ativados ao entrar em contato os estímulos da natureza, de forma a reagir positivamente em seu corpo ao trazer algum nível de prazer ou bem-estar, pois ela sente a necessidade de ter essas sensações. De certa maneira, percebemos nas entrelinhas que o contato real com ambientes bucólicos aciona um estado de equilíbrio

que influencia psicologicamente. Reabastece as energias, a imaginação, a alegria de viver e o interesse em preservar esse estado para posteridade.

São visíveis como as experiências com o meio ambiente trazem benefícios para essa educadora. Talvez essa seja uma chave da educação ambiental – oferecer o contato com a natureza de forma que as pessoas possam perceber o benefício de tal interação e que dessa forma sejam gerados envolvimento e conexão, trazendo relações de pertencimento, responsabilidade com a preservação, melhora da qualidade do contexto e a vontade de cuidar do ambiente.

“A minha relação com a natureza não foi uma coisa que veio desde a infância. Eu fui criado em apartamento e tinha medo de natureza e de bicho. Era bem urbano mesmo. Tinha medo de subir em árvore. Mas esse processo pra mim começou pelos 20 anos quando eu comecei a frequentar lugares mais naturais, mais selvagens e senti um chamado. Comecei a participar de movimentos de comunidades alternativas, meditações, tomar banho de cachoeira. Comecei a curtir muito e me sentir muito ligado a isso. E era muito engraçado porque quando eu ia nos lugares naturais, eu ficava todo empolado no primeiro dia, tinha reações alérgicas, mas conforme os dias iam passando eu ia ficando meio selvagem, ia diminuindo a roupa e ficava só de *short*. Tinha um processo de ir virando um bichinho meio selvagem e era uma coisa que eu não sabia que existia em mim. Eu fui descobrindo assim sem saber. E aí começaram a vir todos os questionamentos em relação à sociedade e a relação com a natureza.” (Entrevistado 5)

Diferente dos outros educadores, o educador 5 não conviveu com a natureza estimulado por um contato iniciado na infância, entretanto sua relação com a natureza começa exatamente pela vivência em ambientes naturais no início de sua vida adulta. Ele relatou que tinha medo da natureza, mas com a experiência do contato seu corpo vai tomando intimidade com a natureza e ele diz que “*era uma coisa que eu não sabia que existia em mim*”. Será que essa intimidade com a natureza é algo que no fundo existe no ser humano, mas que acabou se perdendo por ter sido afetada pela cultura urbana?

Outro elemento que chamou atenção na fala do educador e que também apareceu na fala da educadora 2, foi a afinidade com comunidades ditas alternativas, que tinham como um de seus pilares viver em contato com a natureza (VIOLA, 1987). A interação com grupos, e certamente na adolescência e na juventude o impacto do grupo é determinante, auxilia que esses valores sejam ancorados no indivíduo, promovendo experiências favoráveis ao estabelecimento de uma relação de sintonia com a comunidade ampliando possibilidades e também rupturas com padrões, condicionamentos e presunções acumulados numa vivência apartada de ambientes naturais (GOSWAMI, 2010).

A partir dos depoimentos observa-se que existe uma forte influência da história de vida sobre a forma como o indivíduo interage com o mundo e como este é percebido por ele, aprender com essa história ajuda a compreender melhor o fazer do educador (LAPOINTE & RUGIRA, 2012). Além disso, na corporeidade reside o potencial de guardar a memória das experiências significativas da vida, de modo a estruturar a aprendizagem do presente (CATALÃO, 2005). Nesse sentido, o contato com o meio ambiente representa possibilidades valorativas significativas a ponto de definir estilos de vida como também de gerar rupturas capazes de transformar o rumo que uma pessoa segue.

3.2- O corpo e a sensibilização ambiental

De que maneira a educação ambiental pode atuar de maneira efetiva para contribuir com a sensibilização? O presente tópico procura desvelar se a relação de contato com ambientes naturais presente na trajetória de cada educador exerceu influência sobre a importância que eles dão a esse aspecto dentro de um processo de sensibilização/formação ambiental de outras pessoas. Atuar de maneira fragmentada, valorizando em demasia uma reflexão exclusivamente mental não parece ser a melhor forma. A cognição não ocorre apenas na mente, mas envolve todo o processo de vida do ser humano, inclusive a percepção das emoções e do comportamento (MATURANA & VARELA, 2010), indicando que as práticas educativas precisam ser mais abrangentes para alcançar o real entendimento da não separação entre o homem e a natureza.

Dentro desse pensamento, Maurice Merleau-Ponty (1968) aponta em direção à diluição da fronteira entre humanos e não humanos, podendo contribuir para a reflexão das práticas ambientais ao se afastar da posição cartesiana de definir o sujeito como uma mente à parte do mundo. Ele traz o conceito de “carne”, no qual aponta a ideia de comunhão entre o corpo e mundo como um corpo que engloba e transcende o indivíduo. A “carne” é um ponto de continuidade entre o sujeito e o mundo, no qual o corpo é capaz de compreender o mundo por ser constituído por ele, trazendo um sentido de pertencimento ao mundo para o sujeito. Maurice Merleau-Ponty (1968) elucida ainda a ideia de que suprimir o corpo é o primeiro mundo do sujeito, local em que todas as experiências ocorrem, dessa forma, faz-se necessário que as práticas educacionais não negligenciem o corpo enquanto presença fundante no processo de aprendizagem. Pelo contrário, sugere o corpo/corporeidade como *locus*

privilegiado para o estímulo a auto-observação como vizez para também observar o todo, criando um sentimento de pertencimento integrativo à natureza.

Segundo Catalão (2005), cultivar a sensibilidade e a inteligência do corpo é fundamental para a educação ambiental, uma vez que contribui para a internalização do conhecimento. Através da ativa relação corpo-meio ambiente, ocorre um processo de enraizamento (*grounding*) da pessoa na estrutura corpórea que possibilita uma percepção mais aguçada da realidade interna e externa, favorecendo um fluxo de informações nas quais o indivíduo, por estar enraizado, pode criar e organizar o significado que a natureza tem para si (LOWEN, 1998).

Perceber o corpo enquanto uma nova dimensão experiencial e como uma fonte de conhecimento, gera um vínculo de contato íntimo consigo mesmo e, a partir desse, nota-se um despertar de uma relação progressiva de aproximação ou aprofundamento com o outro e com o mundo, surgindo uma nova maneira de aprender (BOIS & AUSTRY, 2008).

A importância do corpo/corporeidade dentro de um processo de sensibilização ambiental pode ser percebida nas falas que se seguem:

“O contato físico real é fundamental pra interação com a natureza [...] precisamos proteger, plantar e cuidar e isso vai exigir da gente um contato direto. E isso é pelo o corpo, o corpo pede esse contato direto, só vivendo pra saber mesmo. É uma experiência de comunicação com a natureza que só vem da intimidade, do contato.” (Entrevistado 3)

“Pra ter uma troca, pra criar uma simbiose, pra criar uma relação verdadeira, criar um sentimento verdadeiro do que é a natureza, é necessário ter uma interação corpórea, física com o ambiente, se não fica só na cabeça né. Quando você tem contato, interação, você tem muito mais potência transformadora. O benefício da interação corpo-natureza é algo muito visceral, muito profundo. Eu vejo a diferença que é quando eu levo as pessoas pra imersões na natureza. O contato por si só já é educativo. A convivência com ambientes naturais, a estética da natureza [...] a pessoa vê o quanto é lindo, ela se sensibiliza! Belezas incontáveis, cores incríveis. Isso precisa estar na formação da educação ambiental. Essa sensibilidade faz a pessoa refletir um pouco mais sobre a destruição. Não é só mostrando estatísticas de destruição e pensar nos lucros de se preservar. Os números não vão mostrar algumas coisas [...] tem que ver, tem que ir lá, tem que estar lá, pé no chão. Mesmo com os desconfortos que surgem no corpo dessas vivências na natureza, frio, dormir mal, o corpo agradece. É misterioso. Todos os sentidos são despertados e é muito realizador.” (Entrevistado 1)

Parece existir uma relação carnal entre o sujeito e o mundo quando o educador usa o termo simbiose, no sentido de existir uma parceria e integração nessa ligação, na qual existe

um benefício que é apontado como algo visceral. A aprendizagem corporal é enfatizada em contraponto a uma estratégia exclusivamente mental, pois esta parece deixar a desejar em alguns aspectos que só podem ser captados com o despertar dos sentidos. A transformação é potencializada quando o indivíduo passa manter contato com a natureza.

Ao dar ênfase às belezas naturais, que são estratégias para criar ou fortalecer os vínculos entre homem e natureza (SILVA, 2008), há uma referência ao aspecto sensível do ser enquanto receptor de toda a informação que chega até o corpo (BOIS & AUSTRY, 2008), sendo perceptível pelo educador que o impacto que esses estímulos visuais geram na corporeidade possuem uma capacidade de sensibilizar as pessoas e gerar pró atividade no sentido de ampliar a percepção, o entendimento e o cuidado do meio ambiente.

Em outra fala do mesmo educador, ele enfatiza a importância da experiência pessoal para a aprendizagem, de forma que o conhecimento é criado na trajetória de construção humana do sujeito e dessa maneira é atribuído a ele o papel central na elaboração e validação do conhecimento adquirido (MIZUKAMI, 1986).

“Lembrei de uma um momento da infância que eu matei um passarinho e senti um mal-estar tão profundo de ter matado algo tão bonito. Eu não sabia o que fazer [...] eu nunca mais atirei em passarinho. Eu acordei pra o malefício que estava fazendo sem perceber. Foi uma descoberta pessoal, não foi ninguém que me disse [...]Eu vejo muitas pessoas que estão num contexto urbano e tem oportunidade plantar, ver a planta crescer e apreciar isso. Plantar e fazer a comida do que você plantou [...] isso acaba criando uma sensibilidade com o meio natural. A pessoa vê algo que ela fez e percebe o processo de transformação. Isso acontece nas escolas [...] de plantar, uma hortinha, o feijão no copo. Experimentar!”

“Pro educador ambiental é fundamental o contato direto com a natureza, você tocar. Vista de longe, você perde grande parte da compreensão que você poderia ter da natureza. A compreensão envolve outros sentidos, envolve os aromas, o tato, até o paladar. Você pode provar as plantas. O contato. Você pode abraçar as plantas. A troca de oxigênio. Com tudo isso você vai se conscientizando. Uma pessoa que conhece profundamente uma floresta, conhece na sua corporeidade, não derruba uma floresta. Como que pode educação ambiental só lendo textos? Eu acho que as experiências corporais deviam ser a base da educação ambiental. Primeiro que você é o seu corpo. Então não tem como você tirar o corpo. As escolas tólem o corpo, elas fazem você ficar sentado, amarrado, imóvel e aprendendo tudo com a mente. Não é pra aprender educação ambiental com a mente. Dentro da educação ambiental você tem que estar em movimento, usando todos os seus sentidos. Você tem que estar usando seu corpo, estar inteiro, presente, conectado com tudo, consciente. Eu acho que o corpo é a base” (Entrevistado 2)

A percepção dos estímulos sensoriais gera no corpo do indivíduo uma significação anterior a qualquer processo de cognição mental (BOIS & AUSTRY, 2008), que é salientada pela educadora como um recurso fundamental para se obter uma compreensão mais completa

da natureza, uma compreensão que vai frutificar em uma conscientização e atitude de cuidado com o meio natural por estar vinculada à corporeidade do indivíduo. A ativação dos sentidos é um fator que favorece a integralidade da compreensão, favorece que o pensar não seja fragmentado, sendo essencial para o surgimento da consciência ambiental (CATALÃO, 2005). A ideia não é negligenciar a importância de aspecto mental da aprendizagem, mas incluir outras facetas da cognição humana nesse processo, tendo em vista que a estimulação dos sentidos permite a reflexão sobre a integração do homem com a natureza (ORSI et. al., 2015).

A referência aos aspectos sensoriais da corporeidade foi um elemento que apareceu na fala de todos os entrevistados. A visão, o tato, o paladar, a audição e olfato foram mencionados pelos educadores ao contarem alguma história de sensibilização com a natureza vivida por eles ou por seus alunos. As impressões sensoriais têm um papel de organizar e interpretar o que foi percebido pelo indivíduo, dando significado à experiência (ORSI et. al., 2015), sendo assim, evidencia-se que os sentidos têm uma função relevante dentro do contexto de educação ambiental para que a o indivíduo incorpore a aprendizagem.

Outro aspecto que apareceu na fala de todos os entrevistados foi a menção aos sentimentos e emoções que a natureza tem o potencial de despertar, sinalizando o potencial dessa dimensão para a educação ambiental. As expressões emocionais identificadas foram: realização, felicidade, bem-estar, gratidão, amor, sofrimento, dor, choro, alegria, agressividade, rejeição, raiva, medo, receio, prazer, aversão, saudades, plenitude, compaixão, empatia.

As palavras da educadora Vera Catalão (2005), auxiliam na percepção da importância das emoções para o processo de aprendizagem:

“Percebe-se cada vez mais ser impossível separar os aspectos cognitivos das expressões emocionais e sociais presentes em todo processo de aprendizagem [...] a cognição não subjuga o afetivo, mas com este se articula no ato de conhecer.”

Nesta mesma direção, Morales (2004) acentua a importância do sentir, afirmando que os sentimentos têm a capacidade de sensibilizar as pessoas em relação aos outros e à natureza e o amor é um instrumento essencial para trazer mudanças nos rumos atuais da sociedade. A habilidade de perceber esses sentimentos e cultivar o amor é enfatizado pela seguinte fala da educadora 2:

“Sem perceber profundamente a natureza, sem saber quem ela é, sem saber o que você sente e sem saber quem é você em relação a ela você não pode nem começar a estudar a natureza. A maior técnica pra cuidar da natureza é o amor. Esse nível de consciência sutil é o mais essencial dentro da educação ambiental [...] é preciso conseguir essa compaixão dos seres humanos com a natureza.”

As falas a seguir expressam que os sentimentos possuem capacidade de despertar uma conexão e atingir as pessoas, no sentido que elas se emocionam tanto para a estética bela da natureza quando para destruição do ambiente. Observar que sentimentos são gerados e devido ao que eles são despertados pode ser relevante dentro de um processo de sensibilização ambiental na medida em que trabalhar as emoções dentro de um contexto de aprendizagem é essencial para que as pessoas se mantenham motivadas (GUIMARÃES, 2004).

“A empatia com a natureza acontece quando você expande um pouco o sentimento que tem pelas pessoas que são próximas a você. É quando você olha em volta e sente um pouco a dor do desmatamento. Eu sinto um sofrimento ao ver uma queimada. Você sentir coisas, perceber seus sentimentos é importante para criar essa sensação de pertencimento à natureza. O ser humano traduz as coisas muito pelos sentimentos [...] é um bom termômetro da sua relação com as coisas” (Entrevistado 5)

“É importante você perceber que sentimentos são gerados dentro de você depois de uma vivência na natureza [...] você vê um ipê todo florido e chora [...] você percebe o que aquilo está lhe proporcionando. É se permitir mesmo, estar aberto. E a natureza ajuda muito nesse processo. Você ver a beleza é tão incrível.” (Entrevistado 4)

“Eu via o cerrado sendo destruído e sentia um peso [...] É tão difícil de explicar algo assim tão subjetivo, por que é sentimento. É uma atração de amor mesmo. Eu me sinto acolhido pela natureza, sabe? Eu me sinto em profundo bem-estar com a natureza. Eu não me sinto bem distante dela. É um sentimento que perpassa a minha existência. E isso me trouxe um sentimento profundo de retorno” (Entrevistado 1)

“Quando alguém derruba uma floresta com correntão é uma coisa de chorar. A floresta vai caindo e não sobra nada, é um pavor ver aquilo. Como que as pessoas não têm sensibilidade com isso? Esse sentimento vem por que a gente sabe que a gente pertence à natureza, que ela é nossa mãe. Quando eu vi o Rio Doce sendo morto, eu chorei muito. Eu chorei uma semana. Eu me lembrava do rio vivo, do rio lindo. Cheio de pássaros, cheio de peixes. Você saber que aquilo foi assassinado é muito duro. É tão duro quanto você ver seres humanos assassinados.” (Entrevistado 2)

É importante que as experiências vividas dentro dessas práticas de sensibilização ambiental encontrem um lugar de ancoragem dentro do sujeito, para que dessa forma exista um potencial de transformação nas atitudes de cuidado em relação ao ambiente. Os educadores levantaram que as experiências corporais e de contato com a natureza têm uma capacidade de criar uma memória do que foi experienciado, seja pelos sentimentos que foram despertados, seja pela captação de uma bela imagem da natureza, seja pelos desconfortos vivenciados por se estar em um ambiente mais selvagem do que de costume. O que fica evidente em qualquer que seja a maneira pela qual o indivíduo participe de uma prática dessa

qualidade, é que o corpo teve um papel ativo, participante e assim o ser como um todo registra a memória dessas experiências. Na percepção de Catalão (2005) é o corpo que guarda a memória da ação, e sendo assim, para sustentar o conhecimento adquirido é necessário que haja um registro corpóreo. As falas a seguir demonstram a percepção dos educadores acerca desse tema:

“A gente percebe que quando os alunos saem da sala de aula eles ficam muito animados. É um lugar aberto. Tudo é novidade. Quando você faz uma brincadeira [...] é super corporal. Deixar eles livres para fazer o que eles quiserem [...] eles ficam muito alegres, num estado de êxtase. É o que eles precisam. É o que trás felicidade e alegria pra eles. É o que eles vão lembrar depois. É um momento que eles estão se movimentando [...] é super importante. A gente vê como eles gostam. Da pra ver a diferença nos olhos deles, na fala deles. Eles assimilam mais. É importante pro aprendizado. Fica na memória.” (Educadora 4)

“Eu acho que a pessoa assimila melhor quando ela está experienciando. Se você passa algum conteúdo com um jogo ou uma dança, a pessoa vai ter mais facilidade de apreender, de recordar, de lembrar disso depois” (Educadora 3)

“Tem pessoas que estão longe da natureza, mas tiveram alguma experiência e se recordam e com isso querem fazer a ponte, querem retornar.” (Educador 1)

“Essa identificação com os elementos da natureza pode ajudar com que a prática de educação ambiental reverbere na pessoa e ela guarde na memória quando ela for embora.” (Educadora 2)

Ao ser despertado o potencial de transformação das atitudes de cuidado com o ambiente, há a possibilidade da criação de uma abertura para que o indivíduo se sinta pertencente à natureza enquanto uma extensão do seu próprio ser, pois a mobilização para preservar um ambiente surge a partir da identificação dessa atitude com a manutenção da própria identidade (FREIRE, 2006). A identidade humana é reencontrada na relação com o ambiente e o pertencimento é fortalecido na medida em que o indivíduo percebe-se como mais um entre os demais seres da natureza (SAUVÉ, 2005). O corpo é o local de emergência da percepção da identidade, que acontece por meio da ligação do sujeito consigo mesmo e a partir dessa gera-se a possibilidade de ligação entre o sujeito e o mundo (BOIS & AUSTRY, 2008), contribuindo para a diminuição da lacuna entre o ser humano e a natureza. Os educadores trouxeram essa perspectiva de que a relação com a natureza pode desencadear um sentimento de conexão para com a mesma. As falas a seguir buscam demonstrar esse paralelo:

“A gente faz muito um exercício com as crianças: inspirar o oxigênio que as plantas generosamente nos proporcionam e expirar oferecendo o gás carbônico, que elas

utilizam no ciclo delas. Você ter a consciência que ela tá de dando e que você está devolvendo [...] isso já cria uma interação de conexão e pertencimento à natureza, afinal os outros seres também são parte da mesma coisa que a gente faz parte.” (Educadora 2)

“O contato do corpo com a natureza é uma conexão de intimidade para se abrir pro outro [...] e na nossa sociedade a gente não tem feito muito isso. Veja os relacionamentos no mundo, a dificuldade que é você se deixar penetrar pelo outro. A gente tá fazendo isso com as plantas, com a natureza [...] porque é tudo uma coisa só. O que acontece com a natureza acontece com a gente.” (Educadora 3)

“A integração com a natureza é essa conexão. É você cuidar do ambiente. Cuidar dos seus dejetos, ver a vida sendo criada pelas suas ações. Isso trás uma sensação de conexão muito forte. E é por isso que eu faço o que eu faço. A gente precisa se conectar com as coisas básicas da nossa vida. Por exemplo, conhecer as plantas que existem aqui cria uma sensação de pertencimento, que é importante para o cuidado. E esse pertencimento que é gerado tem com certeza uma ligação com o corpo. Como eu falei, quando eu ia aos lugares de natureza eu ia tirando as roupas, meu corpo ia se sentimento mais parte. [...] Eu sinto uma conexão forte com essa terra que a vida coube me dar. Eu me sinto parte, sinto que pertenço a esse lugar e quero ser uma parte benéfica. Do mesmo jeito que você quer ser benéfico aos grupos de pessoas que participa [...]você não quer ser a figura que cria discórdia. E é isso que fazemos com a natureza. O ser humano faz isso em todos lugares que chega, causa destruição, mas quando você é benéfico para o local a natureza responde. A gente vive num mundo em que as pessoas têm uma ilusão muito forte de separatividade umas das outras e da natureza [...] você não dá valor as coisas que você não vê. Longe dos olhos, longe do coração. Quando você vê a pessoa ou a natureza e isso estimula a empatia, que é super importante de existir no mundo.” (Educador 5)

As falas acima evidenciam a existência de um sentimento de unidade entre as pessoas e a natureza que Brito (2013) trás como uma possibilidade que surge a partir da integração entre as diversas dimensões do ser, sendo elas física, mental, emocional, espiritual e sócio-ambiental. Ao parar de rejeitar e reprimir a multiplicidade existente no microuniverso que é cada ser humano abre-se a possibilidade de aceitar que a natureza também faz parte dessa essência humana. Que portas se abrem dentro dessa nova lógica? Será que integrando o ambiente à própria natureza humana uma nova dimensão de respeito e cuidado passe a existir? A ideia é que saindo do paradigma dualista entre corpo-alma, razão-emoção, ciência-espiritualidade, na qual sempre uma polaridade é valorizada em detrimento da outra, surge também um potencial de que a separação homem-natureza seja desfeita e que o sentimento de comunhão com o ambiente seja vivenciado.

Joseph Campbell (1988) diz que tudo em nosso tempo é dualístico, certo e errado, bem e mal, vida e morte, luz e escuridão, passado e futuro, ser ou não ser, mas o verdadeiro

equilíbrio encontra-se em um ponto central, pois cada uma dessas polaridades são sempre apenas uma das faces de uma mesma moeda e se rejeitamos um aspecto não podemos ter a plena compreensão do outro. O modelo cultural e, portanto, também educacional do ocidente sofre grande influencia das religiões judaico-cristãs que têm como base o principio dual, e em virtude disso surge a separação entre Deus e a natureza. Nesse sentido, a transição de um modelo dualístico para outro que tenha como base a integração entre o ser humano e o ambiente vem acompanhado de uma espiritualidade que não coloque a natureza em uma posição de oposição.

3.3- Espiritualidade, cuidado de si e o cuidado com a natureza

Na busca por uma educação que esteja baseada na integralidade do indivíduo, alinhando-se com a corporeidade, a dimensão espiritual não pode ser deixada de lado. Há uma convergência entre práticas ecologicamente orientadas e determinadas práticas espirituais que fazem a busca do sagrado e de si em locais onde a natureza tem um papel protagonista. Na medida em que ambas as práticas buscam uma integração pessoal com a totalidade, elas se direcionam rumo a realização do bem-estar físico, emocional e espiritual que está associado a um cuidado com o planeta. (CARVALHO E STEIL, 2008).

Além dessa integração entre os diversos aspectos do ser, a dimensão espiritual também contribui para a integração entre o indivíduo e o mundo. As palavras de Capra (2002, p.81) sintetizam essa visão:

“A experiência espiritual é uma experiência de que a mente e o corpo estão vivos numa unidade. Além disso, essa experiência da unidade transcende não só a separação entre mente e corpo, mas também a separação entre o eu e mundo. A consciência dominante nesses momentos espirituais é um reconhecimento profundo da nossa unidade com todas as coisas, uma percepção de que pertencemos ao universo como um todo.”

É possível identificar uma experiência pedagógica comum entre os adeptos de práticas ecológicas e espirituais que emerge devido à aprendizagem de um modo de ver a si e o mundo, trazendo uma aproximação com a natureza (CARVALHO E STEIL, 2008). Nesse sentido, é coerente que tenha aparecido na fala dos educadores ambientais o aspecto espiritual relacionado à busca da sensibilização ambiental. A seguir seguem-se falas dos educadores que expressam uma visão do sagrado que emerge pelo contato com a natureza.

“A natureza é a poesia revelada. O olhar e a capacidade de ver, traz uma estética que remete ao divino. Quando você vai a um local muito bonito você para e silencia. Fica observando. A impressão que dá é que o apelo da estética, da beleza é tão divinal que faz você zerar, ou seja, você para tudo, aquele momento não pode ser perdido” (Entrevistado 1)

“A gente não sabe bem, mas a gente sabe que além do corpo físico a gente tem outros corpos. Quando você entra numa floresta o seu coporo astral, esse primeiro corpo, sua aura, é completamente interpenetrada pela aura das plantas, pelo corpo astral das plantas. Você vê que você tá angustiada ou nervosa [...]se você caminhar pela mata é como um limpeza que acontece com você. Se você está caminhando e se entregando essa limpeza acontece. Isso é uma penetração, é um toque que você teve ali. Seu corpo sutil percebeu. E outros corpos pra além desse também. Sua consciência.Nós somos um. Em última instância nós somos um com a natureza. Então se você está ali com essa consciência de ser um com todos aqueles seres que também estão ali e que aqueles seres na verdade são um só ser, isso lhe eleva, lhe transcende. Lhe faz evoluir. Só o fato de estar ali na natureza já é um exercício de evolução” (Entrevistado 2)

“O corpo, o sagrado e a natureza é tudo tão uma coisa só. O espiritual também é importante na dimensão desse campo que estabelece uma conexão com esses seres da natureza. A gente acha mesmo que ela é um objeto ou acredita que é um ser vivo que tem um campo energético que se comunica na sua própria linguagem? Existe uma personalidade. Quem convive com uma planta todo dia sabe. É preciso perceber o espaço sagrado da planta antes de podá-la.” (Entrevistado 3)

Incorporar a dimensão espiritual dentro das práticas educacionais é um rumo que visa trazer união para o ser, é uma busca para sair do paradigma dualista entre matéria e espírito. Essa cisão entre matéria e espírito reflete a cisão entre o homem e a natureza, portanto se queremos ir em direção ao um estilo de vida que seja alinhado com uma harmonia com a natureza, é imprescindível que essa harmonia também esteja presente no micro universo que somos nós. A orientação do mestre espiritual brasileiro Sri Prem Baba nos auxilia a perceber essa necessidade:

“A cura planetária acontece de dentro para fora. Ao nos dedicarmos ao processo de autotransformação, em algum momento, poderemos contribuir também para a cura planetária. Só podemos dar aquilo que temos. Só é possível dar amor, se amamos a nós mesmos e ao outro. Só podemos ajudar o outro a ser feliz se somos felizes.” (2015, p.78)

O corpo é a ferramenta mais palpável que temos para iniciar esse caminho de autocuidado, que pode desdobrar na criação de uma cultura de cuidado, com as pessoas e com o planeta. Aqui o cuidado é entendido na perspectiva de Leonardo Boff:

“O cuidado é mais do que um ato singular ou uma virtude ao lado das outras. É um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas.” (1999, p.92)

Para nos movermos nessa direção, o ser humano precisa afinar seus sentidos e voltar-se sobre si mesmo, trazendo uma qualidade diferenciada no valor e no significado da vida (CATALÃO, 2005). A fala da educadora 3 nos traz a relação entre o cuidado consigo, por meio do corpo, e o cuidado com o outro e o mundo:

“Se eu não consigo estabelecer uma relação de amor com o meu cabelo [...] e o cabelo é só uma metáfora pro corpo [...] como eu vou me relacionar com os outros, com as plantas, com o resto do mundo? O primeiro passo é a gente conseguir estar feliz com o corpo da gente.”

Será mera coincidência estarmos tão doentes enquanto sociedade e a degradação do planeta ser tão elevada? Profissionais da saúde indicam o cuidado e a adesão de práticas ecológicas para auxiliar no controle de determinadas doenças que podem desencadear em epidemias (BAGGIO et al, 2011). Esse alerta indica a correlação entre a saúde das pessoas e a saúde do planeta, em outras palavras, essas doenças são apenas diferentes sintomas de uma mesma crise, o que muda é a escala em que eles se manifestam, no planeta ou no nosso corpo. Ao ser questionado sobre pessoas que têm uma relação distante com a natureza, o educador 1 comentou:

“[...] eles não conhecem o próprio corpo. Geralmente estão distantes de si mesmas e sobretudo do próprio corpo. Não tem um cuidado perceptivo. Tem um cuidado talvez estético, mas não um cuidado perceptivo. Não tem uma sensação de quem está habitando nesse corpo, quem está construindo esse corpo. Isso é algo que vem monitorado por um lógica tecnológica, ou seja, eu construo um corpo dentro de um lógica de informação científica, mas eu não tenho sensibilidade pra interagir com ele.”

Seguindo essa argumentação, torna-se relevante que as práticas de educação ambiental estimulem o cultivo de si para alcançar a sensibilização ambiental. O caminho inverso também parece ser uma via plausível como pode ser percebido da experiência do educador 5, na qual o interesse pela espiritualidade de alguma forma desdobrou na percepção da crise ambiental:

“Eu sempre fui muito ligado em questões espirituais. Sempre ficava ligado em questões mais profundas como vida e morte. Isso era muito importante pra mim e eu achava que era pras outras pessoas também. Tinha uma coisa meio mística e metafísica que eu não sei explicar muito bem o que é. Um chamado em relação à natureza veio nesse sentido, de uma coisa muito forte, junto com uma crença de que esse modelo que a gente vive não ia dar certo e que eu tinha que ir em outra direção.”

O meio ambiente é tanto beneficiado com o auto-cuidado como uma porta para iniciar essa jornada, ou seja, cuidar de si é cuidar da natureza e esta é uma ótima aliada para o mergulho interior. A esse respeito, as experiências e a visão dos educadores alicerçam a existência dos laços entre o ser humano e a natureza:

“Se auto observar e se auto desenvolver certamente ajuda na consciência ambiental. A coisa que mais ajuda você a se sensibilizar pro meio ambiente, na minha visão, é a meditação. Você meditar é um portal para você entrar na sua consciência e na consciência da sua relação com a natureza. Tudo é igual, né. Você tem tudo que a natureza tem, então se você se conhecer você também vai conhecer a natureza. Você é a natureza. Trabalhar com a natureza é você se trabalhar, é você se desenvolver. Perceber isso foi algo que foi trazendo várias chaves pra mim. Eu vejo que a natureza, além de ser nossa mãe, ela também é o caminho de autoconhecimento, de auto desenvolvimento, de felicidade, de paz e harmonia.” (Educadora 2)

“Nas imersões na natureza[...] tem muito autoconhecimento. Você fica mais silencioso, mais observativo. Parece que a natureza está falando com você, de vez quando você escuta alguns segredos.” (Educador 1)

“Ficar em silêncio e deixar os pensamentos fluírem é algo que faço muito caminhando aqui em contato com a natureza. Fico observando. Fico observando as formigas, os preás. É um momento de integração. Me sinto muito próximo e muito conectado quando eu faço isso. Quando eu estou muito cabeça, muito tempo no computador, eu venho e dou uma caminhada, vejo a vista, mexo o corpo. Observar as coisas e ir percebendo as particularidades meio que brincando [...] isso é meio meditativo. Você meio que desliga o padrão racional e vai pra outro espaço. De alguma forma você também está se observando. Eu tenho vários *insights* em caminhadas pela natureza.” (Educador 5)

O autoconhecimento e o cuidar de si é uma tarefa que perpassa por todas as dimensões do ser, sendo necessário dar atenção aos aspectos mentais, corporais, emocionais e espirituais. O autocuidado envolve uma relação de reciprocidade entre a maneira como o indivíduo impacta o mundo e como este é impactado por ele, é uma via de mão dupla. Para que o indivíduo esteja saudável a natureza também precisa estar e a recíproca também é verdadeira, ou seja, a busca pelo equilíbrio ambiental é parte intrínseca da busca pelo equilíbrio individual.

Do ponto de vista da educação, o entendimento de que para encontrar o equilíbrio de estar no mundo é preciso integrar todas as facetas da realidade a partir da interdependência existente entre elas traz a lição de que o modelo excessivamente racional não é suficiente, não contemplando a totalidade necessária para se alcançar uma compreensão completa da questão ambiental. Essa lição também pede discernimento para que o racional não seja desvalorizado, para que a educação corporal não tome lugar em detrimento da educação racional. O homem se deteriora ao compreender ou se concentrar em apenas um entre dois pares de oposto, pois estes se completam mutuamente, sendo necessário se manter em uma posição central para alcançar o verdadeiro equilíbrio (MERTON, 2012). As soluções não vão ser encontradas invertendo as polaridades do modelo e sim reconhecendo sua existência e as integrando. É preciso identificar e assumir que o aprendizado intelectual tem um papel de base para o para o aprendizado corporal e vice-versa. Cada uma dessas dimensões auxilia que o indivíduo assimile e integre de maneira ampla tudo que for captado por essas diferentes vias de aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho evidenciou existir um alinhamento entre os autores que trazem um aporte teórico sobre um modelo educacional que integra a corporeidade e a maneira com que os educadores entrevistados têm conduzido suas práticas de educação ambiental. A fala dos educadores revelou que seu fazer educacional está embasado em uma nova visão de mundo, que busca integrar todas as dimensões do ser no processo educativo, juntamente com o entendimento de que existe uma unidade entre o ser humano e a natureza.

Além disso, o trabalho também buscou mostrar os elementos que construíram a relação que os educadores ambientais têm com a natureza e como isso impacta sua prática de sensibilização ambiental. Foi percebido que a vivência com a natureza é intrínseca à sua corporeidade e que a compreensão que eles têm do mundo natural foi gerada a partir do contato direto com a natureza. Suas práticas de educação ambiental são norteadas pela busca de um alinhamento entre o sentir, o pensar e o agir, juntamente com um esforço de viver o que ensinam.

A história de vida influencia a forma como o indivíduo interage com o mundo e como este é percebido por ele, mostrando que a experiência pessoal é fundamental para desenvolver a sensibilidade para com o ambiente e é na corporeidade que reside o potencial de que essas experiências sejam guardadas, encontrando um espaço significativo dentro do indivíduo. A trajetória dos educadores explicitou que o contato com a natureza na infância foi importante para incorporação de valores e atitudes de cuidado com o ambiente. O contato com a natureza, mesmo na idade adulta, gera um sentimento de apropriação do local que facilita a adoção de comportamentos de cuidado e responsabilidade pela gestão do ambiente.

A investigação evidenciou que ao oferecer o contato com o a natureza abre-se para o indivíduo a possibilidade de perceber o benefício dessa interação, de encontrar na natureza um local de refúgio, para se reabastecer, para encontrar paz. Parece ser gerado no sujeito impulso de retorno à natureza, como uma busca por uma experiência realizadora, que surge pela necessidade de encontrar bem-estar no acolhimento da natureza.

As práticas de educação ambiental que abrangem a estimulação dos aspectos sensoriais e emocionais devem ser agregadas à cognição mental para a promoção da sensibilidade ambiental, pois potencializam a internalização do conhecimento. Essa nova maneira de aprender, gera uma conexão entre o homem e a natureza, estabelecendo um sentimento de pertencimento que é necessário para alcançar a conscientização ambiental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1995
- BAGGIO, Maria Aparecida et al. Significando o cuidado ecológico/planetário/coletivo/do ambiente à luz do pensamento complexo. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. 11-18, 2011.
- BRITO, Marcelo. A construção do sentimento de unidade: desdobramentos de uma abordagem corporal atípica no desenvolvimento humano. Universidade de Trás- Os Montes e Alto Douro, 2013.
- BOIS, Danis; AUSTRY, Didier. A emergência do paradigma do sensível. **Revista @ mbienteeducação, Rio Grande**, v. 1, n. 1, 2008.
- BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano. **Petrópolis: vozes**, 1999.
- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. **Associação Palas Athena, São Paulo**, 1988.
- CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica**. Editora Cultrix, 2006.
- CAPRA, Fritjof. **Conexões Ocultas, as**. Editora Cultrix, 2002.
- CAPRA, Fritjoff; DIAS, Maria José Quelhas; ALMEIDA, José Carlos. **O tao da física: uma exploração dos paralelos entre a física moderna eo misticismo oriental**. 1996.
- CAPRA, Fritjof. **Ponto de Mutação, O**. editora Cultrix, 1998.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a naturalização do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente e Sociedade**, v. 11, n. 2, p. 289-305, 2008.
- CATALÃO, Vera Lessa. A redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade. In: **Artigo apresentado no II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade em Vila Velha-ES, setembro de**. 2005.
- FREIRE, José Célio et al. Uma escuta ética de psicologia ambiental. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 32-37, 2006
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos avançados**, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001.
- GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental crítica. **Identities da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente**, p. 25-34, 2004.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Papirus Editora, 1994
- GOSWAMI, Amit. O ativista quântico. **São Paulo: Aleph**, 2010.

- LAPOINTE, Serge; RUGIRA, Jeanne-Marie. Para uma Ética Renovada do Cuidar: à escuta do corpo sensível. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 1, 2012.
- LAYRARGUES, Philippe Pomier. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, p. 72-103, 2006.
- LOPES, Cláudia Ribeiro Monteiro. Para Entender a Propriopercepção fora e dentro do Game.
- LOWEN, Alexander. **Bioenergética**. Feltrinelli Editore, 1998.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. A árvore do conhecimento. **Campinas: Psy**, 2010.
- MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. Amar e brincar: Fundamentos esquecidos do humano—Do patriarcado à democracia. 2004.
- MAURICE, MERLEAU-PONTY. Fenomenologia da percepção. **São Paulo: WSF Martins Fontes**, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Editora Perspectiva, 1971.
- MERTON, Thomas. **A via de Chuang Tzu**. Vozes, 2012.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MORALES, Angélica Góis. A arte do afeto na educação ambiental. Foz do Iguaçu. **Anais**. Centro Reichiano, 2004
- NEIMAN, Zysman; RABINOVICH, Andréa. A Educação Ambiental através do Ecoturismo: o diferencial das atividades de contato dirigido com a natureza. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 3, n. 2, p. 76-101, 2008.
- ORSI, Raquel Fabiane Mafra et al. Percepção ambiental: Uma experiência de ressignificação dos sentidos. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, v. 32, n. 1, p. 20-38, 2015.
- OSHO. Alegria: A Felicidade que vem de dentro. **São Paulo: Cultrix**, 2004.
- POLAK, Ymiracy N. O corpo como mediador da relação homem/mundo. **Texto & contexto enferm**, v. 6, n. 3, p. 29-43, 1997.
- POLETTO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de formativos em educação ambiental: uma ciranda multicolor. 2008.
- BABA, Sri Prem. Amar e Ser Livre: As bases para uma nova sociedade. **Fortaleza-Editora Demócrito Dummar/Agir**. 2015.

RETONDAR, Anderson. A (re) construção do indivíduo: a sociedade de consumo como "contexto social" de produção de subjetividades. **Sociedade e Estado**, v. 23, n. 1, 2008.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa, São Paulo**, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

SILVA, Rosana Gonçalves. O papel da sensibilidade e das linguagens poéticas nos processos formativos em educação ambiental: uma ciranda multicolor. 2008.

VIOLA, Eduardo J. et al. O movimento ecológico no Brasil, 1974-1986: do ambientalismo à ecopolítica. 1987.

WEIL, Pierre; CREMA, Roberto; LELOUP, Jean-Yves. Normose: a patologia da normalidade. **São Paulo: Verus**, 2012.

WEIL, Pierre. A normose informacional. **Ci. Inf., Brasília**, v. 29, n. 2, p. 61-70, 2000.

ANEXOS

Entrevista (Anexo I)

- 1) A experiência corporal está presente nas suas práticas de educação ambiental?
- 2) Qual o papel dela?
- 3) O que lhe levou a trabalhar com educação ambiental dessa maneira?
- 4) Qual a importância da experiência corporal para o processo de aprendizagem?
- 5) Como a experiência corporal pode contribuir para a redescoberta do pertencimento à natureza?
- 6) A experiência corporal influencia o significado a longo prazo que o sujeito dá ao processo de aprendizagem?
- 7) Isso interfere em sua consciência ambiental?
- 8) Essa tomada de consciência ambiental gera mudanças na vida do sujeito no sentido de promover a sustentabilidade?
- 9) Se auto-observar é importante para a conscientização ambiental?
- 10) As experiências corporais incentivam que o sujeito se auto-observe?
- 11) Como isso influencia a maneira que o(a) educador(ra) observa o mundo natural?
- 12) Existe uma tendência da inclusão de experiências corporais nas práticas de educação ambiental?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II)

REDESCOBRINDO O CORPO E O MUNDO NATURAL: UMA CONTRIBUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA CORPORAL PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Prezado(a) Senhor(a),

O desenvolvimento do trabalho de pesquisa sob execução da graduanda Pâmela Teixeira Canfran do Curso de Ciências Ambientais da Universidade de Brasília, visa obter dados para a execução de sua pesquisa sob orientação da Dra. Maria do Socorro Rodrigue Ibañez. O objetivo do trabalho é compreender o papel do corpo como elemento sinergizador de uma nova maneira de aprender.

Ressalta-se que nesta perspectiva, o informante tem livre arbítrio em participar ou não da pesquisa em questão, podendo o mesmo se retirar a qualquer momento e exigir que suas informações sejam abstraídas do trabalho, mesmo depois de ter assinado o termo de livre consentimento. Os dados obtidos serão usados para fins acadêmicos e com vistas à sua divulgação em revista científica de circulação nacional.

Pâmela Teixeira Canfran (estudante de graduação)

E-mail: pamela_@hotmail.com

Telefone de contato:

Profa. Dra. Maria do Socorro Rodrigues Ibañez (Orientadora)

E-mail: marias@unb.br

Eu,....., após ter lido e entendido as explicações sobre o Trabalho de Conclusão de Curso, CONCORDO VOLUNTARIAMENTE em participar da presente pesquisa.

Data:/...../.....